Carlos D. Fernandes

Canção de Vesta

EDICTOR: MANOEL NOGUEIRA DE SOUSA

LIVRARIA ECONOMICA -- Rua Barão da Victoria, 17

Recife — 1908

Obras do mesmo auctor

Palma de acanthos (poemeto) esgottado

Album de Belém, propriedade do Municipio de Belém

In Memoriam „ da Santa Casa de Misericordia do Pará

Solaus (duas edições)

Vanitas Vanitatum (versos)

Torre de Babel (chronicas jornalisticas)

Politicos do Norte - I ANTONIO LEMOS (duas edições)

„ „ „ II - AUGUSTO MONTENEGRO.

No prelo, editada por Nogueira de Sousa--A RENEGADA--Romance

A TERRA

Terra, estrella sem luz, de fecundas entranhas,
Dentro nas quaes o amor perpetuamente lida;
Planeta espheroidal, que no espaço acompanhas
O turbilhão dos sóes; fonte nunca exhaurida

Da seiva germinal—a essencia diffundida
Na trama vascular de perfeições tamanhas—
Sejas bemdicta, ó mãe tellurica da vida,
Com os teus prados, vulcões, abysmos e montanhas.

Filho do flanco teu, voltarei consolado
Ao ventre maternal, para florir de novo;
Quem sabe onde, como e em quê transubstanciado?!

Atomo, esporo, embryão na gemmula de um ovo,
Que importa? se homem, planta ou seixo inanimado,
Somos todos irmãos—teus filhos e teu povo.

A ARVORE

Vêde esta planta que brotou de uma semente:
—Padrão de folhas ao vigor do mez de Abril—
Veiu emballada ao collo do ether transparente,
Que a recolheu, transpondo esse abrupto alcantil.

Na planicie tombou, quando findara a enchente;
E do seio da terra, um delicado hastil
Irrompeu; e mais tarde, um tronco resistente
Abriu-se em ramos no ar, para o céo côr de anil.

Hoje, zimborio verde, onde cantam as aves,
Alteia-se do chão como uma cathedral,
Com *duettos* de amor na cupola das naves.

Parece a mãe do bosque, a rainha ancestral,
A que os proprios tufões, como hálitos suaves,
Mal destrançam de leve a coma vegetal.

AS FLORES

Nascem tenros botões pelo ramo orvalhado,
Reveste a arvore toda um fulgor nupcial:
É a infloração, o recamo irisado
Das frondes—gonfalões da apothéose vernal.

Crysalida a sonhar no casulo fechado
Das sépalas, a flôr—borboleta aromal—
As pétalas abriu á luz quente do prado,
Discerrando as juncções do involucro floral.

Cada ramo se fez uma curva guirlanda,
E, das folhas por entre o verdoengo aranhol,
Voejam colibris numa alada siranda.

Sobem dulias de incenso ao concavo arrebol:
É a arvore, a bracejar, que pelos galhos manda
Beijos de aroma ao ar, hymnos de aroma ao sol.

OS FRUCTOS

Que vento mao levou as pétalas cheirosas,
Alastrando por tudo esta desolação?!...
Emquanto, nos jardins, noivam cravos e rosas,
Por todos os vergeis não se encontra um botão.

Inclinam-se, a carpir lagrimas lastimosas,
Os ramos, arrastando as folhas pelo chão;
E, como a concentrar forças mysteriosas
Num extase germinal, as arvores estão.

Túrgido, entre os festões, ainda chlorophyllado,
Glábaro ou pubescente, o fructo, a amadurar,
Torna-se, á luz do sol, rubro, negro ou doirado.

Vespas em turbilhão bailam, zumbindo, no ar;
E Pomonia conchega ao regaço orvalhado,
Entre os pomos do collo, os fructos do pomar.

O INVERNO

Cae a chuva la fóra. As arvores molhadas,
Pingos d'agua chorando, arrepiam-se ao vento.
Pairam immoveis no ar as nuvens encharcadas;
Cobre o manto hyemal todo o céo pardacento.

Luminosas manhãs, limpidas madrugadas,
—Noivados do arrebol, sonhos do firmamento—
Inclinam-se por vós as papoilas crestadas,
Desfolham-se os jamins num deliquio friorento!...

Os passaros—zagaes da Arcadia-Natureza—
Calaram no silencio as frautas murmurosas...
Da agua os turvos cachões mugem pela deveza.

E eu sosinho, escutando as vozes lastimosas
Do mundo, enquanto Flora, entre os vergeis surpresa,
Tenta sustar em vão a syncope das rosas.

A PRIMAVERA

Que esplendor de manhã, que olympica frescura
Enchendo o claro céo, todo chamalotado.
Scintilla o orvalho ao sol, na lustrosa verdura
Do bosque. Na amplidão paira um sorriso alado.

É o hálito subtil da rórida espessura,
A fina emanação das grammineas do prado,
A vida vegetal, que no ambiente procura
O carbono incolor no ar etherificado.

Os regatos estão como ophidios de prata
Embebidos na luz. A agua fluindo canta,
E nas bolhas que forma o céo todo retrata.

È a Primavera, que das nevoas se levanta
E em limpidas canções de aroma se desata,
Vasando um mundo embryão dentro de cada planta.

O VERÃO

Tudo é sol, tudo é luz. Queimam-se os horisontes;
Erra um como vapor metalico, suspenso
Sobre a desolação dos prados e dos montes.
—È o tórrido verão ás eclogas infenso.

Nas ondas do calor morre o soluço immenso
Das arvores. Adeus, cantilenas das fontes!
Sombras do bosque, adeus, que já vos não pertenço...
Tu, que me ouves, Sileno, ás Dryades não contes

Este Virgiliano, este augural *memento*
De quem haure o vindouro exicio da floresta
Nos effluvios da luz, nas bafagens do vento;

De quem sente que o bosque mùrmuro se apresta
Para aos poucos morrer, num sacrificio lento,
Em votivo holocausto aos esponsaes de Vesta.

O OUTONO

É a phase tumular das arvores, coitadas!
Lividas pelo chão as folhas vão tombando.
Verticillos em pó, corollas estioladas,
Pedunculos, hastis rolam, de vez em quando,

Das frondes, ao sabor das rispidas nortadas.
E aos poucos sobe a luz cáustica, scintillando
No mortiço pallor das plantas, inclinadas
Dos ventos outonaes ao vórtice nefando.

Pesa nos galhos nus um torpor de tristeza,
Baloiçam-se no ar os ninhos solitarios,
Arde a fragoa do sol no alto zimborio accêsa,

Torrando o parenchyma aos combustos nectarios.
E parece que as mãos pulchras da Natureza
Tangem pelo arrebol tristes Estradivarius.

O CÉO

Etherico docél sobre os mundos arqueado,
Abobada abysmal, nirvanico regaço
Do ser ou do não ser ; bárathro constellado ;
Berço aéreo dos sóes, atomico mormaço

Das espheras de luz ! Todo meu ser, escasso
Do cosmico esplendor nos orbes derramado,
Penetra-se de vós, gira no fundo espaço,
Onde tudo trazeis num vínculo irmanado.

A mesma eterna lei, que os atomos congrega,
E que as massas astraes no páramo equilibra,
Sinto-a no sangue vil, que os meus tecidos rega.

É a vossa emanação, que por tudo se libra,
Esparzindo o fulgor dessa harmonia cega,
Que, em rútilas canções, pelo meu estro vibra.

NATUREZA

" E vê-se muitas vezes que de um corpo
" Metade viva já metade é terra;
" Humidade e calor dão vida a tudo
" Se mutuamente se temperam ambos.
" Bem que d'agua contrario o fogo seja,
" Sae do humido vapor quanto é gerado;
" A discorde união fermenta e cria.

***

Agua, esposa do Sol, virgem mãe do Universo,
Agua, pranto do céo pelo mundo disperso
Para dissedentar as plantas resequidas;
Casta Ruth maternal, que as sementes cahidas
No claro seio recolheis piedosamente,
Fazendo rebentar de cada uma semente
A planta esculptural, que ha de enfeitar a terra;
Mater pulchra, emprestae-me esse condão, que encerra
O vosso corpo transparente e imperecivel,
Porque o meu estro paire á flôr do vosso nivel,
Cantando a perfeição da vossa ubiquidade;
E essa piedosa e virginal maternidade
Com que vos dividis pelo Universo todo,
Das moleculas do ar ao movediço lodo,
Que aos vossos beijos se humedece e se encorpora,
Engenhando comvosco os matizes da flora:
—Raiz e caule e folha e flôr e fructo e ramo—
Formas bizarras, que estremeço e que proclamo
Vivas consummações da impeccavel belleza;
Agua, berço da vida, alma da natureza,

Caricia palatal, balsamo dos sedentos,
Liquida communhão dos varios elementos,
Patria dos leviathans, dos peixes e baleias,
Palacio de crystal das lendarias sereias;
Agua etherea, em vapor, nimbo dos horisontes,
Cataractas ao luar, branco lençol dos montes;
Nivea desolação das esteppes glaciaes;
Agua thermica, suor quente dos mineraes;
O' agua baptismal, liquido sacrosanto,
Vinde bramir pelas estrophes do meu canto,
Vinde cantar nos hemistychios do meu verso,
Agua, esposa do sol, virgem mãe do Universo.

Todos os corpos vivos são exclusivamente formados de elementos mineraes, tirados do meio cosmico

CLAUDE BERNARD

Era um globo em fusão, na epoca do Nada,
A estrella fixa ou nebulosa condensada,
Que mais tarde se fez um globo d'agua enorme,
Brilhando á luz do sol. Toda a vida era informe,
Dynamisada, esparsa, instavel, confundida
Na hydrica esphera mysteriosa e indefinida,
A bailar, a bailar, entre mundos ignotos.
Numa certa manhã d'esses tempos remotos,
Marcando para a terra o seu primeiro dia,
Uma ogiva irrompeu d'entre a monotonia
Das aguas. Eras tu, patriarcha dos montes;
Que vieste crear nos fuscos horisontes
D'esse mundo infantil a primeira paysagem.
Por diadema tiveste a fecunda bafagem
Do ether fino e subtil, que os espaços enchia.
A cada novo sol, o teu vulto crescia
Pois que a agua, ascendendo em nuvens pelo espaço,
Te deixava emergir do humido regaço,
Porque fosses tambem o nucleo d'outras vidas.
Dispertaram então seivas adormecidas
Na tua compleição de utero maternal.
E milennios depois, o manto vegetal
Vestia-te a nudez, santa rocha primeva,
Filha d'agua e da luz, pulchra e fecunda Eva

Das varzeas, das rechans, dos prados e collinas,
Onde vieram medrar as mescladas boninas,
As primeiras cecens e os cardos amarellos:
Fetos descommunaes, horrendos cogumellos;
Euphorbias toxicas, bromelias lanceoladas,
Largas, phenomenaes lianas, enroscadas
Como serpentes vegetaes em grossos troncos;
Bojudos baobás; scismativos e broncos
Pinheiros espectraes,—fantasmas da floresta—
E o cerrado juncal, que os pantanos infesta;
Toda a virente e singular polymorphia
Das arvores irmãs, na latente porfia
De deglotir a luz e de beber o ar,
Tudo irrompeu de ti, rocha filha do mar;
Mãe de todas as mães e princeza das fragas,
Hybrida concreção da salsugem das vagas,
Que, pela immensidão do teu esforço heroico,
Foste o marco final do periodo azoico;
Altar das ondas, saxeo berço inicial
E primordio padrão da vida universal.

As cellulas vivas no meio aquatico agruparam-se em colonias multiplas, segundo as differentes circumstancias, de modo a formar tantos seres diversos.

NERGAL

Já nos mares, então, o infusorio nadava.
Numa graduação lenta, se transformava,
Á luz do sol, cada corpusculo num ser.
Eram coraes, protozoarios a crescer.
Toda uma multidão de existencias confusas:
Anemonas do mar, polypos e medusas.
Do mundo colonial dos polipos hydroides
Á calcarea nação das conchas helicoides.
Buzios ovaes e gasteropodes maiores;
Brancos ctenoforos, moluscos de mil cores,
Da sepia astuta aos cephalopodes gigantes;
Da ostra bivalvular aos loligios errantes;
E da familia pittoresca dos crustaceos
Aos hyppocampos, ás morêas e cetaceos.
Finalmente, os reptis se acercaram da terra.
Dentro nagua sem fim, já se faziam guerra
Esses irmãos communs; foi preciso emigrar.
E fugiram assim, dos abysmos do mar,
Os temerosos pterodactylos primeiros.
Eram tudo em redor propicios atoleiros,
Gratos á legião dos cautos fugitivos,
Que se foram tornando os donos privativos
D'esse immenso paul, onde arvores cresciam.
E, enquanto isto se dava, os seculos corriam;

Novas especies vegetaes fructiferavam,
Aguas lodosas nas arêas se infiltravam,
Cavando berços para os saurios pequeninos.
Já, no denso aranhol dos caniços franzinos,
Coaxavam as rãs melancolicamente.
Ás vezes, dos moitaes, um collo de serpente
Languido, a collear, lentamente se erguia.
Cada batrachio, no sapal, se retrahia,
Em presença do molle ophidio famulento,
E tudo era mudez; só se entendia o vento,
Como um semeador, guiado de pyrilampos,
A cantar e semear pelos sachados campos
Os esporos subtis dos acotyledoneos.
Na sombra densa, o povo cauto dos chelonios,
Tímidos encolhendo e estirando os pescoços,
Punha-se a caminhar nos encharcados fossos.
Nos túmidos paues rhisophoras medravam;
E airosos a grasnar, palmipedes nadavam
Nos lagos que o mar fez e onde o peixe se encontra.
E eis que um dia apparece entre as aguas a lontra
E o tardo peixe-boi, que come os nenumphares.
Garças e jaçanãs, pernaltos aos milhares
Vinham tristes pousar na região paludosa.
Muito de longe, ecoando, a canção lamentosa
Das rôlas a noivar, nas quebradas, se ouvia;
E essa gorgeiada e espiritual melancolia,
Como uma prece a Deus, no ether azul, fluctuava,
Enquanto a terra-mãe lentamente voltava
O outro hemispherio em treva ao ósculo do sol.
E bebendo sedenta os filtros do arrebol,

Lá na terra central, ia crescendo a selva,
Com suspensos festões, debruada de relva,
E bem no meio as grandes tecas primitivas,
Alteando para o azul as rendadas ogivas,
Como espontaneas e verdoengas cathedraes,
Onde, já nesse tempo, os bohemios pardaes
Vinham chiar, chiar e suspender os ninhos...
Mais tarde, a alada grei dos outros passarinhos
De gorgeios povoou toda a matta sombria.
Era uma festa no ar, quando a manhã rompia;
Um concêrto de amor no seio da floresta,
Todo o ritual pagão de Ceres e de Vesta,
Que, no templo da selva, os passaros cantavam...
Nas clareiras, ao longe, os felinos paravam,
Extaticos na luz, as palpebras piscando:
Panteras ancestraes, fulvos tigres em bando,
A familia feroz das mosqueadas onças
E o leão espeleu, de pellagens intonsas,
O primitivo leão, patriarcha das feras.

...Queremos demonstrar que muitas especies actualmente vivas descendem de um ancestral commum, ou por outra: que os seres de especies differentes são da mesma especie.

CUVIER

Ora, já no esplendor d'essas tão priscas eras,
Existia tambem a raça perseguida
Do triste ourango-tango, o grilheta da vida
Pois, nesses tempos bons, já lhe pesava tanto.
No grande horto arboral, cabia-lhe um recanto
De escusa rocha noutras rochas enlapada.
Era uma furna escura a lobrega morada,
Um mal talhado e tosco e sinistro buraco,
Esse primordio lar do primeiro macaco...
Todos os animaes declararam-lhe guerra.
Quadrumano Caim fugindo pela terra,
Sem dentuça de cão, sem cornos e sem patas,
O guerreado archiavô dos humanos primatas
Houve de supportar a dura expiação
Da sua inicial grotesca perfeição,
Subindo-se a tremer, espavorido e aos saltos,
Para o refugio tutellar dos ramos altos,
Para o zimborio em flôr das arvores maternas,
Onde a sofreguidão das coleras fraternas
Não pudesse chegar. Tal cachimonia astuta
Indispol-o de vez com a natureza bruta.
Mesmo pelo docel das arvores trepado,
Muitas vezes recuou, se encolheu assustado

Ao duro e obliquo olhar de um faminto gavião,
Que vinha espiolhar a nidificação
Dos passaros, movendo as plumulas bizarras
Do seu cocar cinzento, e distendendo as garras.
Em baixo, na planicie, onde a fructa abundava,
Era o lobo, a serpente, o aurouchs, a rena brava,
O mastodonte, o saurio, o pentadelpho equino,
O dromedario, o lhama, o javardo suino;
O negro urso feroz, a famelica hiena,
Quadrupedes, reptis, toda a fauna terrena,
A silvar, a grunhir, bramir e relinchar,
Entreolhando-se hostis, para se devorar.
E o anthropoide a guinchar nas copas altaneiras,
Gulosamente olhava as pejadas fructeiras,
Coçando o axilar, esfuracando o umbigo.
Do alto, considerando o exército inimigo,
Luzia-lhe no olhar uma arguta insistencia,
Como se comparasse a exacta resistencia
Do seu torso delgado e dos seus membros finos
Com a ondulosa esveltez dos lepidos felinos.
—Luctar?—Seria em vão. Fortissimos de mais
Eram para o vencer todos os animaes.
—Como buscar a vida entre tão cruas feras?
—Como escapar á vigilancia das panteras,
Saltando pelo ar, com dous filhos ás costas?—
Eram perguntas que ficavam sem respostas
Na espessura mental, no cerebro ainda opaco,
Na brumosa razão d'esse afflicto macaco.
Sendo uma certa vez, de subito apanhado
Numa fructeira, a sós, por um grande veado,
Que por simples maldade apenas o investiu,
Elle, por se salvar, num ramo se subiu,

E por fatalidade eis que se parte o ramo.
Viu-se pois obrigado a fazer frente ao gamo,
Com o mesmo pau vibrando um golpe tão certeiro,
Que se abateu por terra o sanhudo galheiro.

. . . .

Nasceste assim, clava dos seculos obscuros,
Que havias de ajudar os guerreiros futuros
Nessa renhida e sacrosanta defensão
Do patrio amor e da legitima razão.
Clava antiga, bordão dos nomades primeiros;
Cajado dos peões; thyrso dos pegureiros;
Fino chuço mortal dos barbaros de outr'ora;
Haste dos pavilhões; lança conquistadora
Dos persas, dos hebreus; remo audaz dos phenicios;
Báculo—ramo em flôr dos sagrados officios—
Emblema imperial—sceptro augusto dos reis—
Identicos irmãos, todos vós descendeis
Do galho defensor, que um medroso primata,
Certa manhã, colheu, num angulo da matta.

Pouco a pouco appareceu a memoria consciente,
a adaptação dos actos ao fim, o raciocinio, a razão.

LE DANTEC

Ao simio, certa vez, indo pela floresta,
De imprevisto pavor enrugou-se-lhe a testa ;
Cavou-se-lhe na fronte um sulco tão profundo
Como se nunca vira o ambiente do mundo :
Era um enorme jaguar tocaiado no chão.
Nisto, lhe acorda o instincto á embotada razão.
Não podendo escapar ao felino emboscado,
O simio recorreu novamente ao cajado.
Colheu perto, num roble, um tronco resistente,
Firmou-se nos dous pés e marchou para frente
Como um sublime heróe, tragico e resoluto,
Que se não teme já da fereza de um bruto.
E no seu rosto chato, onde o craneo fugia,
Houve tal expressão de consciente energia,
Tão funda affirmação de autonoma vontade,
Que o jaguar encolheu toda a ferocidade,
Agachando-se mais de cobarde temor
Como um bicho feroz perante um domador.
. . . .
Era o primeiro e nebuloso pensamento,
Que indeciso nasceu, nesse augusto momento,
No cerebro viril do anthropoide primeiro...
Salve, em nome de Deus, instante alviçareiro,
Grande espasmo de luz, fonte da perfeição,
Causa primacial da humana redempção ;

Estrella vesper de um crepusculo perdido,
Sob cujo clarão o urro se fez gemido ;
A pupilla feroz se converteu no olhar
E entre os cilios se poz mudamente a chorar.
A chorar, no cairel d'esse abysmo sem fundo,
De onde subira a sós para a face do mundo,
Um fragilimo ser, tornado vertical
Pelo embate voraz da rudeza animal,
O homem, o unico heróe da milennaria guerra,
Archineto do mar e principe da terra.

É somente no aperfeiçoamento do egoismo pessoal que a utilidade das conquistas sobre o meio é evidente.

JULES TANNERY

Um tenue fio azul pelo espaço se eleva:
É o fumo do lar. Quando subir a treva,
Não mais envolverá tudo no manto seu.
Mal se accendam no espaço as estrellas do céo
Tambem se accenderão claros lumes na terra,
E, da planicie chã aos pincaros da serra,
Tudo, tudo será pontilhado de luz.
O mago, que isto faz, que tudo isto produz,
É o fogo, a combustão de elementos eternos,
Que a terra concentrou nos seus flancos maternos,
Depois de o depurar no seu fundo crysol,
Para nos alumiar, quando se apaga o sol.
Findaram para sempre os tormentos d'outr'ora.
A terra toda, o mar, a luz, a fauna, a flora
Constitue finalmente a posse da Razão.
Eis a familia, a tribu, a cidade, a nação.
Como era pobre e tosca a primitiva aldeia,
A habitação lacustre, acaçapada e feia,
Nos pantanos, erguida em fornidos varaes;
O modêlo ancião dos primeiros casaes
E dos lares de colmo, onde o homem fatigado
De vagar pelo campo, apascentando o gado,
Ou de caçar na selva o antilope veloz,
Vinha, á noite, pensar no seu destino atroz,

Ao lado da mulher e dos filhos pequenos!...
--Mas, por quê? se eram seus todos os bens terrenos!...
O' Natureza mãe, dize-o tu, que o não sei.
—Em que scisma, em que pensa o teu filho, o teu rei?—
Na selva, era o temor, hoje é a funda tristeza
Que o mina e o faz pensar.—Porque, mãe Natureza?—
—Para que lhe serviu tanto heroico valor
E essa alta obstinação de se fazer senhor
De tudo, para ter consciencia de si mesmo,
Se lhe fôra melhor ficar vagando a esmo,
Entre os bichos irmãos, na floresta natal?—
Ah! muito elle ascendeu, conquistou por seu mal.
Com a instituição da familia primeira
Aos brutos animaes poz-se eterna barreira;
Mas do humano casal quanta fera surgiu!
Fera assim tão feroz nunca, jamais se viu.
Homens ainda mais ferozes que as panteras.
O Rei da creação é o principe das feras;
Mas fera sem amor, bicho sem compaixão
Porque assassina o pae, porque trucida o irmão,
Só por inveja, por ganancia e por vaidade.
Como sahiste vil, sublime humanidade
Obra de Deus, filha do Mar, fructo do Amor!...
O homem fez-se ladrão, o homem fez-se trahidor,
Fez-se assassino cruel, fez-se torpe carrasco,
A flôr da perfeição converteu-se num asco,
Em face da moral impeccavel dos brutos.
Ha-os cobardes, vãos, mizeraveis, astutos,
Abominaveis, ruins, futeis, phenomenaes,
Vilta, mancha, borrão dos outros animaes.
Mas ao par da legião de tantos execraveis,
Ha-os monstros tambem, grandes, immensuraveis

De bondade, de amor, de genio e perfeição.
—Esses raros, porém, de que genero são?
De que materia imperecivel forão feitos?
Quem lhes vasou o luar dentro nos fortes peitos?
Quem do craneo lhes fez um íntimo crysol,
D'onde a idéa provém rútila como um sol,
Proprio para fulgir no collo da verdade?
Quem lhes fez rebentar o halo da santidade
Da bella fronte augusta ennevoada de cãs?
Por ventura serão essas almas, irmãs
Da luz, verbo de Deus, corpo astral das espheras,
Aquellas mesmas taes que deshonram as feras
E ante quem se conturba a justiça do céo?...—
—Sim, são todas irmãs, filhas do flanco teu,
O' Natureza, universal mãe do contraste;
Mãe piedosa e cruel, foste tu que as geraste,
Como a pomba, a serpente, o cordeiro e o chacal.
Sem taes opposições, tudo seria egual
E o mundo uma horrorosa e atroz monotonia.—
—Pode haver sem Razão tanta sabedoria?
—Não, que não pode haver.—Comprehenda-se bem:
Se tu não pensas, Natureza, pensa alguem
Por ti, um certo alguem muito alto e perfeito;
Alguem espiritual, etherico, desfeito,
Esparso na amplidão d'esses mundos astraes;
Um imponderavel Ser, differente dos mais,
Que se revela desde o atomo primeiro,
E não encontra expressão no meu verbo grosseiro
(Porque uma essencia tal nunca teve expressão)
Mas que entrevejo bem com a imaginação;
Um Ser cujo perfil não comporta o meu verso
Porque o sinto maior do que o proprio universo.

A razão depois de examinar e admirar uma tão bella harmonia indigna-se com legitimo direito contra a loucura temeraria, que ousa attribuir a causa ao acaso.

M. KANT

Ajoelho aos teus pés, geometra dos mundos,
Que estás no ether azul ou nos mares profundos;
Vigilia, protecção, piedade diffundida
Na immensa teia dos phenomenos da vida!
"Espirito de Deus pairando sobre as aguas,"
Venho-te desfiar meu rosario de magoas:
Tu, que és todo perdão, todo immensa bondade,
Ensina-me a soffrer com sincera humildade;
Conduze-me tambem a esse indulgente amor
Que desconhece o odio e desculpa o trahidor.
Dá-me paciencia nos revezes amargosos,
Enxuga o pranto dos meus olhos lacrimosos,
Para que eu possa ver essa immensa grandeza
Tua reproduzida em toda a Natureza.
Faze-me sobretudo apprehender e enfechar,
No ambito da razão, no circulo do olhar,
Toda essa universal e difusa harmonia,
Ordem sublime, que o teu halito irradia;
Cheio de fé mostrar-te o coração desnudo,
Só te acceitando a ti como a causa de tudo,
Todo entregue nas mãos do teu poder divino,
Forte, humilde, sereno e em paz com o meu destino.

URBS MEA

Ergue-te, que já vem repontando a alvorada.
Quem trouxe o fado teu, tarde ou nunca descança.
Eis-te na guerra, sus, alma tantalizada!
Cavalga o teu corcel, pega na tua lança.

Recomeça de novo a intermina Cruzada,
Põe no teu amuleto as asas da Esperança;
Beija em face de Deus a cruz da tua espada
E de encontro a legião dos barbaros avança.

É um assedio! Vês:—Mouros por toda parte;
O Reyno de Aragão dos teus nobres cuidados
Presa dos Infieis... Rompe-se o baluarte;

Entra a mourama hostil... Solta ao vento os teus brados
E morre, proclamando o teu Symbolo d'Arte,
Na tragica invasão dos muros derrocados.